

ANÁFORA NOMINAL E MODIFICAÇÃO ADJECTIVAL

Fátima Silva & Idalina Ferreira

1. INTRODUÇÃO

A modificação adjectival em diferentes tipos de anáfora nominal constitui o objecto de um trabalho de investigação que visa descrever a forma e a função dos modificadores adjectivais nos diferentes tipos de anáfora. A abordagem deste fenómeno linguístico é, em grande medida, motivada pelas razões a seguir enunciadas. Em primeiro lugar, a maior parte dos estudos sobre anáfora nominal analisa a expressão anafórica considerando os traços lexicais caracterizadores do núcleo da expressão nominal que ocorre em posição anafórica, mas não se detém aprofundadamente sobre a função da ocorrência de modificação adjectival nessas expressões. Em segundo, a modificação adjectival das expressões nominais em posição anafórica é uma estratégia transversal aos diferentes tipos de anáfora nominal, permitindo descrever, em parte, as diferenças que os caracterizam, sem, no entanto, obstar à concepção de um modelo unitário de anáfora. E, em terceiro lugar, a modificação adjectival influi decisivamente na interpretação das expressões nominais envolvidas na anáfora, uma vez que pode modificar o referente ou a referência, contribuindo de forma mais ou menos marcada para a coesão anafórica.

No presente trabalho, que constitui um ponto liminar dessa investigação, procedemos ao levantamento de algumas questões relevantes para o tratamento deste tema. A elas subjaz a formulação dos objectivos centrais deste artigo: estabelecer um quadro exemplificativo das distintas possibilidades de modificação adjectival em diferentes tipos de anáfora, problematizar algumas ocorrências deste fenómeno e aferir da sua produtividade no domínio da textualização.

No sentido de dar cumprimento aos objectivos propostos, começamos por analisar um conjunto de ocorrências de diversos tipos de anáfora com modificação adjectival, do qual extraímos, ainda que de forma muito provisória, algumas conclusões sobre o tipo de adjectivos ocorrentes em posição anafórica e a sua frequência. A esta apresentação segue-se a problematização de alguns casos que constituem exemplos controversos na análise do tópico em questão, no âmbito da qual procuramos questionar o papel do adjectivo na configuração da anáfora,

* Este trabalho foi financiado pelo Programa FEDER/POCTI-U0022/2003 da Fundação para a Ciência e Tecnologia

correlacionando-o com a maior ou menor probabilidade da sua ocorrência nessa função. Finalmente, avaliamos o contributo da anáfora modificada por adjectivo para a textualização.

2. ANÁFORAS E ADJECTIVOS: UMA PROPOSTA TIPOLÓGICA

Previamente à análise dos diversos casos em que a anáfora é modificada por adjectivos e porque há várias propostas tipológicas disponíveis tanto para a classificação das anáforas nominais como para a distribuição dos adjectivos, impõe-se referir que tipologias servem de base à nossa proposta.

2.1. TIPOS DE ANÁFORAS

A tipologia das anáforas nominais seguida neste trabalho e apresentada na figura 1 corresponde à proposta de Silva (2006)¹.

Este quadro classificativo funda-se na definição da anáfora como uma propriedade das línguas naturais que consiste na actualização de expressões referenciais que podem ser utilizadas para designar um referente que foi objecto de um procedimento prévio de introdução no universo de objectos construído pelo texto (Apothéloz 1995:12). Em função de um critério de referência, é possível distinguir entre duas grandes subclasses de anáforas. As anáforas directas caracterizam-se pelo facto de o nome em posição anafórica e o nome em posição antecedente serem co-referentes, ao passo que, nas anáforas indirectas, há uma relação de não co-referência, estabelecendo-se uma ligação entre o antecedente e a expressão anafórica com base numa relação de implicação.

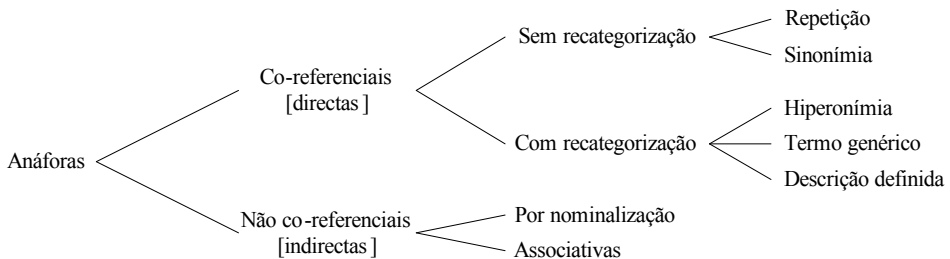


Figura 1. Tipologia das anáforas nominais

¹ Esta proposta recupera, em grande medida, reformulando-a, a proposta de Koch (2002, 2004). Faz ainda, de forma mais indirecta, referência às propostas tipológicas de Marcuschi (2000, 2005), Schwarz (2000) e Kleiber (2001).

2.2. TIPOS DE ADJECTIVOS

A distribuição e a caracterização dos adjectivos que modificam estas anáforas seguem a proposta de classificação de Demonte (1999), esquematizada na figura 2.

Adjectivos			
Atribuem propriedades aos Nomes		Não atribuem propriedades aos Nomes	
Qualificativos	Relacionais	Adjectivos adverbiais	
(expressam só uma propriedade)	(expressam várias propriedades)	Intensionais (modificadores da intensão dos Nomes)	
		Eventivos (modificadores do evento)	
		Modais	Marcadores da intensão
		Temporais/Espaciais/de Modo	Aspectuais

Figura 2. Tipologia Semântica dos Adjectivos

Esta autora define o adjectivo como uma categoria gramatical que tem a capacidade de modificar objectos atribuindo-lhes propriedades que contribuem para a sua definição, identificação e classificação, como é o caso dos qualificativos e dos relacionais. No entanto, essa função modificadora não se processa de igual forma com todos os adjectivos. Os adverbais não atribuem propriedades: uns modificam o conceito ou intensão, outros modificam o evento. É, por conseguinte, uma definição baseada essencialmente em critérios semânticos, segundo o significado intrínseco dos adjectivos.

Para além das classes que constam nesta tipologia, introduzimos ainda os adjectivos numerais por os considerarmos modificadores e por, de acordo com Eguren e Fábregas (2006), apresentarem características específicas, que os aproximam simultaneamente dos relacionais e dos adverbais.

3. ANÁFORAS E MODIFICADORES ADJECTIVAIS

Com base nestas propostas, apresentamos, de seguida, algumas ocorrências de anáfora com modificação adjectival.

O conjunto de exemplos analisado constitui uma amostra extraída de um corpus de textos de fontes diversas da Internet e de alguns jornais, procedendo-se à sua identificação através da menção da respectiva fonte no fim do exemplo².

² Os sublinhados nos exemplos são da nossa autoria.

3.1. ANÁFORA DIRECTA POR REPETIÇÃO

(1) Cão da Pradaria. Este animal³ tem origem na América do Norte, ocupando uma área geográfica que vai do Alasca até ao norte do México. Apesar de se chamar cão, este animal é mais parecido com um esquilo, tanto em tamanho, como no aspecto físico. Este simpático animal vive na Natureza em colónias de várias dezenas de indivíduos, podendo, em alguns casos raros, chegar às centenas. [<http://bicharada.net/animais/animais.php?aid=86>]

(2) Programa de acção específico para utilização/rejeição de resíduos de clorofórmio nas unidades de prestação de cuidados de saúde.

1 - Objecto

Este programa específico tem como objecto estabelecer as regras de utilização e gestão para os resíduos contendo clorofórmio produzidos em unidades de prestação de cuidados de saúde.

[http://www.diramb.gov.pt/data/basedoc/TXT_LN_23606_1_0001.htm]

Nos exemplos (1) e (2), que ilustram casos de anáfora directa por repetição, o núcleo nominal dos Sintagmas Nominais (SNs) anafóricos é modificado, respectivamente, pelos adjectivos ‘simpático’ e ‘específico’, ambos qualificativos.

Estes adjectivos atribuem uma propriedade ao nome ‘animal’ e ‘programa de acção’, que modificam, referindo-se a um dado atributo facilmente isolável do indivíduo a que se aplicam. No primeiro caso, o adjectivo ocorre em posição pré-nominal e no segundo, em posição pós-nominal. Note-se que, ao contrário do que acontece em (2), em que o adjectivo não introduz em posição anafórica uma informação nova, antes reiterando a restrição já existente na expressão nominal antecedente, em (1), a atribuição da propriedade ‘simpático’ decorre de um processo de comparação que se produz entre ‘esquilo’ e ‘cão da pradaria’ e não entre ‘cão’ e ‘cão da pradaria’, como seria de esperar.

3.2. ANÁFORA DIRECTA POR SINÓNIMIA

(3) Aí, é verdade. Por sinal que você depois lhe disse que foi o gato.

– E, coitado, foi ele o que pagou. Levou uma sova mestra! O pobre bichano não podia imaginar por quê. [<http://linguateca.di.uminho.pt/pipermail/cvs/2006-July/000862.html>]

Em (3), que ilustra o tipo de anáfora directa por sinonímia, a sinonímia ocorre ao nível do Nome – ‘bichano’, num esquema $N - Adj + N$, isto é,

³ Os sublinhados apresentados em todos os exemplos são nossos.

‘gato’ – ‘pobre bichano’, em que o adjectivo em posição anafórica é de tipo intensional, ocorrendo, por isso, em posição pré-nominal.

No entanto, também é frequente a ocorrência de sinonímia ao nível do adjectivo e não do nome, como podemos ver no exemplo (4), sem que se verifique qualquer alteração do valor do adjectivo do ponto de vista semântico.

(4) A situação particular do azeite causa-me profunda preocupação.

Com efeito, a produtividade do olival português é muito inferior à média comunitária – cerca de um quinto – o que determina também uma ajuda média por hectare muito baixa.

Esta situação específica faz com que medidas adequadas à situação média da União, não o são no meu país.

[http://www.portugal.gov.pt/Portal/PT/Governos/Governos_Constitucionais/GC15/Ministerios/MADRP/Comunicacao/Intervencoes/20031117_MADRP_Int_Reforma_PAC.htm]

3.3. ANÁFORA DIRECTA POR DESCRIÇÃO DEFINIDA

Os exemplos (5) a (7) são anáforas directas por descrição nominal, respectivamente realizadas pelos SNs ‘este célebre artilheiro’, ‘o antigo líder parlamentar social-democrata’ e ‘este célebre geógrafo grego’.

(5) Este sistema de fabrico terá sido instalado na Casa dos Engenheiros, da extinta fábrica da pólvora, em Barcarena, por Bartolomeu da Costa. Este célebre artilheiro foi director da fábrica desde 1780-82, passando a administrador no ano de 1793, cargo que exerceu até ao seu falecimento, em 1801.

[http://www.dgdc.minedu.pt/conc_museus0607/pdf_museus]

(6) DUARTE Lima poderá ser o adversário de Pacheco Pereira nas próximas eleições para a distrital de Lisboa do PSD. Contactado pelo EXPRESSO, o antigo líder parlamentar social-democrata remete-se, por enquanto, ao silêncio sobre um assunto que diz considerar inoportuno devido à proximidade de eleições autárquicas [Expresso, 27-09-1997]

(7) Por seu turno, Estrabão (63 a. C.-24 d. C.), ao observar o Etna e as Pitecusas (Ischia), admitiu que os ventos ateavam o fogo vulcânico. Nessa altura, com o Vesúvio adormecido, descreveu-lhe o cimo como um lugar que havia estado incendiado em outros tempos e que se apagara por falta de combustível. Este célebre geógrafo grego procurou relacionar a elevação dos terrenos (admitida a partir da presença de conchas marinhas nas áreas montanhosas) com a existência de um fogo central que alimentava os vulcões.

[<http://www.triplov.com/galopim/magma.html>]

No exemplo (5), o modificador, ‘célebre’, é um adjectivo qualificativo que se encontra em posição pré-nominal.

No exemplo (6), o nome ‘líder’ é modificado pelos adjectivos relacionais ‘parlamentar’ e ‘social-democrata’, que expressam um conjunto de propriedades que definem os nomes dos quais provêm e que, de certa forma, os ligam ao nome que modificam. Ocorrem sempre em posição pós-nominal. Já ‘antigo’, um adjectivo adverbial temporal, caracteriza-se por modificar a situação descrita pelo nome, isto é, modifica as propriedades da referência. Coloca-se sempre em posição pré-nominal.

No exemplo (7), o nome é modificado pelo adjectivo qualificativo em posição pré-nominal ‘célebre’ e pelo adjectivo relacional ‘grego’, que forçosamente deve ocorrer na adjacência direita do nome.

3.4. ANÁFORA DIRECTA POR TERMO GENÉRICO

Os exemplos (8) e (9) correspondem a casos de anáfora directa com recategorização por termo genérico.

(8) PSP de Estremoz anunciou hoje a apreensão, no mercado semanal da cidade, de 868 peças de vestuário, óculos, relógios e perfumes contrafeitos. O material apreendido está avaliado em 8.710 euros. [Público, 10-10-2005]

(9) A sexta decisão significativa foi a de nomear para empresas municipais antigas vereadoras de Santana Lopes. As pobres criaturas, ao que consta, fora da CML de Santana Lopes / Carmona Rodrigues ninguém lhes dava emprego. [<http://jornalpraceta.no.sapo.pt>]

No primeiro caso, (8), trata-se de um participio, com uma função correspondente à de um adjectivo relacional, ocorrendo, por conseguinte, à direita do nome.

Já em (9), o adjectivo ‘pobres’ tem um carácter intensional, cumprindo uma função irónica na modificação da intensão nominal.

3.5. ANÁFORA DIRECTA POR HIPERONÍMIA

Os exemplos (10) a (12) exemplificam a ocorrência de anáfora nominal directa com recategorização por hiperonímia.

(10) Quando era criança adorava o circo e do que gostava mais era dos animais. A mim como aos outros, percebi depois, chamava-me a atenção o elefante. Durante a sua actuação, o enorme animal exibia o seu peso, tamanho e força descomunais, mas, antes e depois da sua actuação, o elefante ficava quieto preso a uma corrente que segurava uma das suas patas a um pequena estaca no solo. [<http://www.kmol.online.pt/humor/200203/elefante.html>]

(11) A barata gosta de calor, por isso bom será quanto mais frio for. Este bicho sujo também gosta de comida. [<http://filosofiarabara.blogs.sapo.pt/arquivo/461984.html>]

(12) GOLFINHO ROSA 30CM. Este simpático e suave animal será o teu melhor amigo; vais poder brincar, falar com ele, e levá-lo contigo em qualquer sítio. De alta qualidade. Dimensões: altura 30 cm. Desde o nascimento. [<http://www.eurekakids.net>]

Os adjectivos que modificam estas anáforas são qualificativos: ‘enorme’ (10) é um adjectivo de dimensão; ‘sujo’ (11) é um adjectivo de valoração negativa; ‘simpático e suave’ (12) são de valoração positiva, caracterizando o primeiro uma propriedade afectiva e o segundo uma propriedade física. Esta última propriedade, associada ao adjectivo do antecedente, ‘rosa’ (12), orienta a interpretação do receptor para o tipo de objecto em causa.

3.6. ANÁFORA INDIRECTA POR NOMINALIZAÇÃO

Os exemplos (13) a (15) constituem anáforas indirectas por nominalização.

(13) Um arqueólogo britânico encontrou uma caverna perto de Jerusalém que poderá ser a mesma onde João Baptista realizava os seus rituais de baptismo. Esta recente descoberta pode ser uma das mais importantes da história Cristã. [<http://ciberia.aeiou.pt>]

(14) A activação da proteína TERT fez crescer o cabelo de forma desmedida em ratinhos de laboratório. Esta nova descoberta “abre caminho a experiências com novas utilizações terapêuticas, para tratar doenças relacionadas com tecidos danificados e com o envelhecimento”, afirmou Steven Artandi, da divisão de Hematologia da Escola de Medicina da Universidade de Stanford (Califórnia), director da equipa de investigadores. [<http://www.cienciahoje.pt>]

(15) Que fazer quando aquelas duas equipas com que mais simpatizamos jogam entre si? Torcemos por qual? Esta dúvida existencial assaltou-me hoje durante o Beira-Mar - Benfica. [<http://santaterrinha.blogs.sapo.pt/2004/08/>]

Em (13), ocorre um adjectivo adverbial temporal, ‘recente’. Trata-se de um modificador do evento, que anaforicamente é representado pelo termo rotulador ‘descoberta’.

Embora, em (14), o adjectivo ‘nova’, na posição pré-nominal em que ocorre costume ser classificado como intensional, sobretudo com nomes de objecto, neste contexto, devido às propriedades lexicais do nome, ele pode ser também classifica-

do como circunstancial temporal (de resto, o *corpus* permitiu-nos concluir ser rara a sua ocorrência em posição pós-nominal com nomes deverbiais).

Em (15), o nome em posição anafórica é modificado pelo adjectivo ‘existencial’, que pertence à classe dos adjectivos relacionais.

3.7. ANÁFORA INDIRECTA ASSOCIATIVA

Os exemplos (16) a (18) constituem casos de anáfora indirecta associativa, configurando relações distintas de parte-todo.

(16) Congresso de Ciências da Comunicação em Aveiro. O congresso realiza-se na Universidade de Aveiro, nos dias 20 e 21 de Outubro, com a presença de docentes e investigadores nacionais de grande prestígio. A abertura solene está marcada para as 09h30 do dia 20, no auditório da Reitoria, e vai contar com a presença do Ministro dos Assuntos Parlamentares, Prof. Augusto Santos Silva.

[<http://www.cienciahoje.pt/1437>]

(17) 4º Concerto Anual de Verão – ‘MAGNUM OF MOZART’ [...] O programa incluiu árias de Purcell, Ravel, Elgar e Britten e, claro, Wolfgang Amadeus Mozart, ou não fosse o 250 aniversário do seu nascimento. Ouvimos canções de musicais contemporâneos – Showboat, Feiticeiro do Oz e ‘Operetas’ de Franz Lehar’s. Combinamos assim melodias na língua inglesa com o humor de Dom Quixote e canções de cabaret. A segunda parte foi centrada em Mozart e nas operetas. Incluiu o famoso personagem. [<http://www.cortesdecima.pt>]

(18) Actualmente, o castelo é um museu. [...] Na sala barroca, que agora é a biblioteca, pode-se admirar uma magnífica tapeçaria gobelina de 1660; a sala de jantar está ornamentada com porcelanas reais dinamarquesas; a sala vermelha está decorada com pinturas norueguesas do período nacional romântico e mostra a grandiosidade da natureza circunstante; a sala amarela está decorada com móveis de acaju. [...] As iniciativas que dão vida ao castelo são variadas e numerosas. A antiga cozinha e a sala de serviço mostram as condições de vida e de trabalho dos criados; doces caseiros são servidos na sala do chá. [<http://www.costacruzinhos.com.pt>]

No exemplo (16), o adjectivo ‘solene’ é qualificativo, embora a conexão N+ADJ seja tão forte que pudesse eventualmente tratar-se de uma expressão sintáctica lexicalizada.

No exemplo (17), temos a ocorrência de um adjectivo ‘ordinal’ em posição anafórica. O adjectivo ordinal, na sua qualidade de modificador pré-nominal, ordena um elemento, neste caso, ‘parte’, dentro de uma série. Apresenta, por conseguinte, uma função muito semelhante à dos adjectivos adverbiais de localização.

No exemplo (18), os três primeiros adjectivos em posição anafórica, ‘barroca’, ‘vermelha’ e ‘amarela’ só podem colocar-se depois do nome, o primeiro por ser relacional, os outros por serem qualificativos de cor. No que diz respeito à expressão nominal ‘a antiga cozinha’, o modificador ‘antiga’ apresenta uma interpretação que caracterizamos de ambígua: por um lado, dadas as informações contidas no texto, pode exprimir a propriedade de já ter muitos anos e, nesse caso, seria qualificativo, e, por outro, poder ser intensional, pois corresponde a um espaço que já não é utilizado na funcionalidade normal.

3.8. SÍNTESE

A análise, ainda que sumária, dos exemplos (1) a (18) mostra que todos os tipos de anáfora nominal admitem modificação adjectival e que diferentes tipos de nomes em posição anafórica aceitam distintas classes de adjectivos, ocupando, quer a posição pré-nominal, quer a posição pós-nominal.

Desta observação decorre a conclusão ainda muito provisória, sobretudo devido à dimensão reduzida do *corpus* trabalhado e à amplitude dos parâmetros considerados, de que o grau de aceitabilidade e a frequência com que as anáforas são modificadas por adjectivo varia em função do tipo de anáfora em questão. Assim, há tipos de anáfora em que a modificação adjectival da expressão anafórica é frequente e variada, como é o caso das anáforas directas com recategorização por meio de uma descrição definida e das anáforas indirectas por nominalização, enquanto noutros tipos, de entre os quais se destaca claramente o da anáfora indirecta associativa, a frequência e a aceitabilidade da modificação adjectival são muito mais reduzidas, sendo validadas apenas sob condições muito restritas. Isto mostra que é na relação entre anafórico e antecedente e no estatuto dessa relação que devem ser encontradas as possibilidades combinatórias do adjectivo com o nome. Não basta atendermos ao nome e ao modificador que o acompanha, mas todo o SN é relevante, assim como é importante a constituição da expressão antecedente.

4. PROBLEMATIZAÇÃO DE ALGUMAS OCORRÊNCIAS

Daqui decorrem três questões fundamentais para a análise desta temática, que apenas abordaremos sumariamente neste trabalho:

- Qual é o papel do adjectivo na configuração da anáfora?
 - O que motiva a frequência ou escassez de modificadores adjectivais em posição anafórica?
- Qual é a produtividade da modificação adjectival em anáforas para a textualização?

4.1. *QUAL É O PAPEL DO ADJECTIVO NA CONFIGURAÇÃO DA ANÁFORA?*

Começemos pela primeira questão.

Um dos tópicos mais relevantes na escassa literatura que refere o tema da modificação adjectival em anáfora, sempre no âmbito da descrição do adjectivo, é a função semântica da restrição *versus* não restrição imposta pelo adjectivo, na medida em que se considera que ela permite distinguir entre modificação da referência e modificação do referente.

É com base nesta distinção restrição / não restrição que Demonte associa os adjectivos não restritivos, em posição pré-nominal, aos adjectivos que constituem com o nome um complexo anafórico e os adjectivos restritivos, em posição pós-nominal, àqueles que apenas modificam o referente e estão na base da extensão do nome.

Esta posição assumida de forma peremptória deve, quanto a nós, ser relativizada, por várias ordens de razões:

- ela é formulada com base num único exemplo, transcrito em (19), em que a relação entre antecedente e anáfora, respectivamente, ‘o célebre guru, Gurdjoeff, ... / o célebre iluminado’, não configura, como afirma a autora uma descrição definida, mas um caso de sinonímia, correspondendo, por conseguinte, a um só tipo de anáfora e a uma única classe de adjectivos;

(19) ... la rejocijante descripción ... de un célebre guru, Gurdjoeff, cuyo círculo de devotos frecuentó en sus años mozos. Esbozado a pinceladas de diestro caricaturista, el célebre iluminado [...] aparece en estas páginas como una irresistible sanguijuela (Demonte 1999:147)

- não apresenta testes sintácticos ou semânticos que permitam concluir da distinção proposta;
- analisa a relação anafórica sem atender ao sistema determinativo e ao estatuto da relação entre antecedente e anáfora.

A nossa posição crítica decorre da consideração de alguns exemplos que observámos e que nos fazem colocar a hipótese de que a anteposição do adjectivo em contexto anafórico não possa ser considerada estritamente como o factor determinante da atribuição de uma função coesiva do adjectivo na formação de um complexo anafórico.

Os exemplos (20) e (21) correspondem basicamente à mesma situação apresentada por Demonte, embora tenhamos dúvidas em relação à diferença de interpretação que ela aponta. Esse facto parece estar, pelo menos em parte, relacionado com a influência do determinante demonstrativo na resolução da anáfora e com o tipo de antecedente, na medida em que condicionam a interpretação possível para

o adjectivo, que pode ser basicamente a mesma ou implicar, no caso (21), um traço irónico.

(20) A União Europeia ou muda ou morre. Contudo, nem a mais carismática e poderosa Comissão, mesmo que fosse a de Delors, podia avançar contra a vontade dos Estados. Esta frase célebre [...] foi proferida por Tony Blair e data do verão deste ano num discurso proferido no Parlamento Europeu.

[<http://www.jornaldenegocios.pt>]

(21) “Mamã quero fazer chichi!” – Esta célebre frase ecoou dentro daquele gigante tubo de aço, vezes sem conta. [http://www.fitinizini.com/mz_11.html]

De qualquer forma, só será possível comprovar ou infirmar claramente a proposta de Demonte, e essa é uma das tarefas prevemos fazer no âmbito do tratamento deste tema, com base em testes sintácticos, que melhor elucidem esta oposição semântica.

Atentemos, nesse contexto, no exemplo (22).

(22) A Tapada de Mafra foi criada no reinado de D. João V, após a construção do Convento, como um parque para lazer do monarca e da corte. Durante os séculos XVIII-XIX a caça detinha um estatuto relevante como actividade da monarquia nacional. Em finais do século XVIII era frequente a Família Real e a Corte ocuparem grande parte do ano em jornadas de caça, que aconteciam, muitas vezes, em Mafra. Esta frequente actividade era levada a efeito em zonas privilegiadas, as Coutadas Reais. [<http://www.guiadacidade.pt>]

No exemplo (22), a expressão nominal em posição anafórica é modificada por um adjectivo aspectual, ‘frequente’, que constitui um modificador de evento, neste contexto ‘actividade’. Tipicamente, neste tipo de adjectivos, dado o seu carácter aspectual, não se verifica a oposição restritivo / não restritivo, pelo que a posição não nos parece relevante para a determinação da funcionalidade do adjectivo dentro do SN anafórico, como se pode verificar através do exemplo manipulado (23). Em ambas as ocorrências, o adjectivo ‘frequente’ parece manter a interpretação de ‘aquilo que acontece com regularidade’.

(23) A Tapada de Mafra foi criada no reinado de D. João V, após a construção do Convento, como um parque para lazer do monarca e da corte. Durante os séculos XVIII-XIX a caça detinha um estatuto relevante como actividade da monarquia nacional. Em finais do século XVIII era frequente a Família Real e a Corte ocuparem grande parte do ano em jornadas de caça,

que aconteciam, muitas vezes, em Mafra. Esta actividade frequente era levada a efeito em zonas privilegiadas, as Coutadas Reais.

A mesma situação ocorre com determinados adjectivos qualificativos, como se pode verificar em (24) e (25).

(24) Francisco Adam – Dino – morreu vítima de acidente de viação hoje cerca das 4 horas da manhã na zona de Lisboa. Este acontecimento trágico faz-nos pensar na vida e questionar mts coisas. [<http://morangoscomacucartvi.blogs.sapo.pt>]

(25) O Dia da Criança Africana é celebrado a 16 de Junho em memória das crianças negras do Soweto que, naquele dia e no ano de 1976, saíram à rua em protesto contra a falta de qualidade no ensino a que tinham acesso e para reivindicar o direito de aprender na sua própria língua. Centenas de rapazes e raparigas foram mortos e, nas duas semanas de protesto que se seguiram, mais de 100 pessoas morreram e mais de 1.000 ficaram feridas. «Este trágico acontecimento constitui um marco importante pela coragem e convicção demonstrada pelas crianças sul-africanas, que se baterem por aquilo em que acreditavam» lembrou a Directora da UNICEF». [<http://www.unicef.pt>]

De acordo com a distinção clássica, o adjectivo ‘trágico’ teria uma função restritiva em (24) e não restritiva em (25), mantendo, no entanto, uma interpretação similar. Por isso, julgamos ser necessário considerar outros factores, além da posição, para estabelecer se há e se sim, qual é, o papel do adjectivo no grau de coesão anafórica.

4.2. O QUE MOTIVA A FREQUÊNCIA OU ESCASSEZ DE MODIFICADORES ADJECTIVAIS EM POSIÇÃO ANAFÓRICA?

Recuperando a segunda questão formulada, interessa-nos equacionar, de seguida, que condições estão subjacentes ao grau díspar de frequência dos dois tipos de anáfora indirecta.

Circunscrevemo-nos neste contexto apenas aos dois subtipos de anáfora indirecta já referidos pelo facto de eles ilustrarem de forma clara a diversidade da modificação adjectival na anáfora.

4.2.1. Anáfora por nominalização

A anáfora por nominalização é, como já referimos em 3.8., uma das mais produtivas do ponto de vista da associação N+ADJ em posição anafórica, pois aceita distintas classes de adjectivos – relacionais, qualificativos, temporais, intensionais,

adverbiais aspectuais e ordinais –, que podem, na generalidade e em função das restrições impostas por cada classe, ocupar posições pré ou pós-nominais.

Os exemplos (13) a (15), recuperados como (26), (27) e (28), ilustram, como vimos, este tipo de anáfora.

(26) Um arqueólogo britânico encontrou uma caverna perto de Jerusalém que poderá ser a mesma onde João Baptista realizava os seus rituais de baptismo. Esta recente descoberta pode ser uma das mais importantes da história Cristã. [<http://ciberia.aeiou.pt>]

(27) A activação da proteína TERT fez crescer o cabelo de forma desmedida em ratinhos de laboratório. Esta nova descoberta “abre caminho a experiências com novas utilizações terapêuticas, para tratar doenças relacionadas com tecidos danificados e com o envelhecimento”, afirmou Steven Artandi, da divisão de Hematologia da Escola de Medicina da Universidade de Stanford (Califórnia), director da equipa de investigadores. [<http://www.cienciahoje.pt>]

(28) Que fazer quando aquelas duas equipas com que mais simpatizamos jogam entre si? Torcemos por qual? Esta dúvida existencial assaltou-me hoje durante o Beira-Mar - Benfica. [<http://santaterrinha.blogs.sapo.pt/2004/08/>]

A anáfora por nominalização consiste no «uso de uma forma nominal que recategoriza os segmentos precedentes do contexto, sumarizando-os e encapsulando-os sob um determinado rótulo» (Koch 2004:254-255). Não nomeiam um referente específico, mas referentes textuais ou abstractos e, na maior parte dos casos, eventos, funcionando, por conseguinte, como nomes genéricos, cuja realização está estreitamente vinculada ao contexto textual, na medida em que se traduzem como expressão-síntese de informações veiculadas ou inferidas. Os nomes em posição anafórica constituem, de certa forma, rótulos que permitem descrever como deve ser tomado o enunciado, quando incidem sobre o conteúdo proposicional, ou a enunciação, se avaliam o tipo de acção linguística executada, com que se relacionam. Além disso, a sua interpretação não depende só do antecedente, mas também do co-texto à sua esquerda. Neste âmbito, o adjectivo surge basicamente como uma forma de avaliação do recategorizador nominal, que não restringe, mas acrescenta informação.

4.2.2. *Anáfora Associativa*

A anáfora associativa distingue-se claramente das nominalizações em termos formais, o que pode ser atestado pelo núcleo nominal anafórico, pelo antecedente (não proposicional mas nominal) e pelo determinante, e também em termos de frequência. Na verdade, são estes elementos e o estatuto da relação entre anafórico

e antecedente que condicionam em primeiro lugar a possibilidade de ocorrência de adjectivos, que é, de acordo com a vasta literatura sobre o tema, inexistente ou muito escassa, e, em segundo lugar, as classes e condições em que ela se pode verificar.

Começamos pela argumentação da impossibilidade, que é desenvolvida, entre outros, por Kleiber (2001). A sua dificuldade em aceitar a modificação adjectival em anáfora associativa baseia-se no facto de que o modificador conduziria à ausência de uma relação de tipo convencional ou estereotípico entre o referente nominal antecedente e o referente nominal modificado anafórico, que é essencial para o estabelecimento da relação anafórica. Ao contrário do que acontece com o tipo de anáfora anteriormente analisado, o SN anafórico é introduzido pelo determinante definido, o único aceitável, pois trata-se de um marcador de unicidade existencial que apresenta a entidade denotada como sendo a única entidade a verificar o conteúdo descritivo N ou N+Modificador (Kleiber 2001), correspondendo essa entidade ao antecedente.

No entanto, outros autores, nomeadamente Charolles (1994, 1999) e Salles (2006) consideram a possibilidade condicionada de ocorrência de modificação adjectival em anáfora associativa, desde que sejam preenchidas as seguintes condições: o modificador adjectival é descritivo, mesmo quando ocorre à direita do nome, e o determinante definido mantém o seu valor referencial⁴.

Observemos o exemplo (29), repetição de (18).

(29) Actualmente, o castelo é um museu. [...] Na sala barroca, que agora é a biblioteca, pode-se admirar uma magnífica tapeçaria gobelina de 1660; a sala de jantar está ornamentada com porcelanas reais dinamarquesas; a sala vermelha está decorada com pinturas norueguesas do período nacional romântico e mostra a grandiosidade da natureza circunstante; a sala amarela está decorada com móveis de acaju. [...] As iniciativas que dão vida ao castelo são variadas e numerosas. A antiga cozinha e a sala de serviço mostram as condições de vida e de trabalho dos criados; doces caseiros são servidos na sala do chá. [<http://www.costacruzinhos.com.pt>]

A análise deste exemplo, cujo resultado pode ser transposto para os outros exemplos transcritos, indica que a junção de um modificador restritivo, como é o caso de ‘barroca’, ‘vermelha’, ‘amarela’ ao antecedente ‘castelo não inviabiliza a relação anafórica associativa.

Os autores que não aceitam a modificação adjectival em anáfora associativa defendem que é necessária a existência de uma relação estereotípica entre os

⁴ Veja-se a este propósito Bouchard (2002).

referentes designados pelo anafórico e o antecedente para que o processamento deste tipo de anáfora seja bem sucedido, isto é, para que se produza a relação anafórica, o que não se verifica quando há modificação em posição anafórica, pois a junção de um modificador restritivo impede a oposição entre as várias partes constitutivas do referente que funciona como antecedente, supondo antes um contraste externo com outros elementos do conjunto.

Isto não é, no entanto, o que se verifica neste exemplo, na medida em que os SNs definidos assinalados são viáveis como anáforas associativas, permitindo a oposição entre as várias partes constitutivas do todo ‘castelo’. A razão parece ser, e neste ponto seguimos Salles (2006)⁵, que analisa este fenómeno na linha de Charolles (1994, 1999), o facto de que, quando há como antecedente um todo cuja representação estereotípica não exclui a existência de várias partes do mesmo tipo, a junção de um modificador restritivo não parece colocar dificuldades. Neste contexto, os modificadores adjectivais mais frequentes são os qualificativos, nomeadamente os qualificativos de cor, de tamanho, de forma. Também ocorrem adjectivos relacionais, como é o caso de ‘barroca’, aparentemente sem as restrições que são impostas por Salles para o uso deste tipo de adjectivo em anáfora associativa.

De qualquer forma, os únicos casos de anáfora associativa estudados são de tipo meronímico, estando ainda por fazer, embora nos pareça importante, a análise das possibilidades e condições de modificação adjectival em anáfora associativa actancial e posicional.

4.3. *Qual é a produtividade da modificação adjectival em anáforas para a textualização?*

Finalmente, dando resposta à última questão formulada em 4., referir-nos-emos brevemente à produtividade da modificação adjectival em anáfora para a textualização. Defendemos que, independentemente dos problemas levantados

⁵ Salles recupera, no título do seu trabalho, um debate clássico no domínio dos estudos sobre anáfora associativa, que consistiu, para uns autores, na defesa da possibilidade de se modificar a expressão anafórica em relação meronímica sem afectar o processamento anafórico (por exemplo, Charolles 1994, 1999) ou na sua impossibilidade (Kleiber 1992, 2001). A defesa de uma ou de outra posição e os argumentos utilizados decorrem de postulados de base diferentes sobre este fenómeno e foi feita com base em exemplos como os que a seguir transcrevemos:

-«Nous arrivâmes sur un village. L'église était située sur une hauteur» (Kleiber 1992: 176).

-«Nous nous étions inscrits à un circuit «Connaissance de la Bourgogne Romane». [...] Nous arrivâmes dans un village. L'église romane était située sur une hauteur. [...]» (Charolles 1994: 79).

e das questões especificamente sintáctico-semânticas enunciadas, este tipo de modificação tem consequências ao nível da continuidade textual, contribuindo para a coesão e coerência de um texto. A título de exemplo, analisaremos um excerto de um texto intitulado ‘O Mistério do Elefante’, no qual a ocorrência de anáforas modificadas assume um papel coesivo fundamental para a criação de um sentido para o texto.

(30) O mistério do elefante. Quando era criança adorava o circo e do que gostava mais era dos animais. A mim como aos outros, percebi depois, chamava-me a atenção o elefante. Durante a sua actuação, o enorme animal exibia o seu peso, tamanho e força descomunais, mas, antes e depois da sua actuação, o elefante ficava quieto preso a uma corrente que segurava uma das suas patas a uma pequena estaca no solo. A estaca era um minúsculo pedaço de madeira apenas enterrado na terra alguns centímetros, e ainda que a corrente fosse forte e poderosa, parecia-me óbvio que esse animal, capaz de arrancar uma árvore, poderia facilmente arrancar a estaca e fugir. O mistério é evidente: O que o mantém preso, então? Porque não foge? [www.kmol.online.pt/humor/200203/elefante.html]

Neste excerto, que corresponde à primeira parte do texto referido, a progressão referencial faz-se essencialmente a um duplo nível: o do ‘elefante’ e o da ‘estaca’.

No primeiro, há um SN definido, seguido de um SN definido anafórico de tipo hiperonímico modificado por adjectivo, de um SN definido que repete o primeiro SN e de um SN definido que repete o SN hiperonímico, seguindo este esquema:

O elefante → o enorme animal → o elefante → esse animal

Na anáfora directa com recategorização por hiperonímia modificada por adjectivo, o adjectivo é não restritivo. Caracteriza-se por ser subsectivo ou relativo (o que significa que, mesmo que se tratasse de um elefante pequeno, seria sempre grande), não introduzindo propriamente informação nova, antes reiterando um traço semântico inerente à entidade ‘elefante’.

Por isso, julgamos que a sua ocorrência tem um valor textual e estilístico marcado, pois permite estabelecer uma relação de oposição com outro adjectivo, que modifica a outra entidade referida, ‘a estaca’, que é introduzida pelo SN ‘uma pequena estaca’ e seguida do SN definido ‘a estaca’, uma anáfora directa sem recategorização por repetição parcial do antecedente.

Uma pequena estaca → a estaca → a estaca

A relação opositiva gerada pela relação lexical de antonímia entre ‘enorme’ e ‘pequena’, juntamente com outros adjectivos com a mesma carga semântica, nomeadamente ‘descomunais’ e ‘minúsculo’, é fundamental para o entendimento

do significado do N núcleo do SN que constitui o título da história, retomado no fim do parágrafo, e que traduz a estranheza do narrador.

5. CONCLUSÃO

No seguimento deste trabalho, pretendemos tratar algumas questões cuja resolução representa ainda um certo mistério para nós. Nesse sentido, retomaremos cada um dos tipos de anáforas enunciados para os descrever de forma mais aprofundada, nomeadamente no que se refere à caracterização dos nomes que operam como antecedentes e em posição anafórica, à análise do sistema determinativo para a configuração da anáfora, à forma e função dos adjectivos que modificam as expressões anafóricas e ao processamento da relação anafórica propriamente dita, por considerarmos que essa descrição é produtiva para uma melhor compreensão da anáfora nominal enquanto fenómeno unitário na diversidade e permite considerar, numa perspectiva léxico-discursiva, a relação biunívoca entre o papel do léxico na construção do texto e a importância do discurso para a especificação sintagmática das unidades léxicas.

Os exemplos analisados e as questões expostas neste trabalho constituíram essencialmente pistas para esta abordagem, mostrando que é fundamental considerar distintos níveis de análise na descrição da modificação adjectival em diferentes tipos de anáfora, nomeadamente o semântico, o lexical e o sintáctico, e constituir um *corpus* de análise mais vasto, que garanta uma análise mais sistemática e produtiva deste fenómeno linguístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Apothéloz, Denis, 1995, *Rôle et Fonctionnement de l'Anaphore dans la Dynamique Textuelle*, Genève, Droz.

Bouchard, Denis, 2002, *Adjectives, Number and Interfaces. Why languages vary*, Amsterdão, Elsevier.

Charolles, Michel, 1994, "Anaphore associative, stéréotype et discours", in Schnedecker, Catherine et al. (eds.) *L'anaphore associative, Aspects Linguistiques, Psycholinguistiques et Automatiques*, Paris, Klincksieck, pp. 67-92.

Charolles, Michel, 1999, "Associative Anaphora and Its Interpretation" *Journal of Pragmatics*, vol. 31, nº 3, pp. 311-326.

Demonte, Violeta, 1999, "El Adjetivo: Clases y Usos. La Posición del Adjetivo en el Sintagma Nominal", in Bosque, Ignacio & Demonte, Violeta (orgs.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Madrid, Real Academia Española, pp. 129-215.

Eguren, Luis & Fábregas, Antonio, 2006, "El Orden de los Ordinales" in Llamazares, Milka Villayandre (ed.) *Actas del XXXV Simposio Internacional de la Sociedad Española*

de Lingüística, León, Universidade de León. Publicação electrónica em : <http://www3.unileon.es/dp/dfh/SEL/actas.htm>.

Kleiber, Georges, 1992, “Anaphore Associative et Inférences” in Tyvaert, Jean-Emmanuel (ed.) *Lexique et Inférence(s)*, Paris, Klincksieck, pp. 175-201.

Kleiber, Georges, 2001, *L'anaphore Associative*, Paris, PUF.

Koch, Ingedore Villaça, 2002, *Desvendando os Segredos do Texto*, São Paulo, Cortez Editora.

Koch, Ingedore Villaça, 2004, “Sobre a Seleção do Núcleo das Formas Nominais Anafóricas na Progressão Referencial” in Negri, Lígia et al. (orgs.) *Sentido e Significação em Torno da Obra de Rodolfo Ilari*; São Paulo, Contexto, pp. 244-162.

Marcuschi, Luiz Antônio, 2000, “Referenciação e Progressão Tópica: Aspectos Cognitivos e Textuais” *Revista do Gelne*, vol. 2, nº 2, pp. 55-65.

Marcuschi, Luiz Antônio, 2005, “Anáfora Indireta: O Barco Textual e as Suas Âncoras” *Revista Letras*, vol. 56, pp. 217-258.

Salles, Mathilde, 2006, “La Modification Adjectivale en Anaphore Associative : Le Cas de l'Église Romane” *Langages*, vol. 163, pp. 25-36.

Schwarz, Monika, 2000, *Indirekte Anaphern in texten*, Tübingen, Niemeyer.

Silva, Fátima, 2006, *Contributos para a Descrição da Anáfora Associativa em Português Europeu*, Dissertação de Doutoramento, Porto, Universidade do Porto.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto
mhenri@letras.up.pt; idaferreira@netcabo.pt